



FACULDADE ESPÍRITO SANTO – FAES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAMILA DOS SANTOS AZEVEDO
MIRELE ROCHA DE AZEVEDO

CRIANÇAS COM DISLEXIA NA ALFABETIZAÇÃO

EUNÁPOLIS – BA
2023

CAMILA DOS SANTOS AZEVEDO
MIRELE ROCHA DE AZEVEDO

CRIANÇAS COM DISLEXIA NA ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau
em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade
Espírito Santo – FAES.

Orientador: Márcio Jean Soares Mendes

EUNÁPOLIS – BA
2023

TERMO DE APROVAÇÃO

CRIANÇA COM DISLEXIA NA ALFABETIZAÇÃO

por

**CAMILA DOS SANTOS AZEVEDO MIRELE
ROCHA DE AZEVEDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em _____ como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof.(a) Orientador(a)

Membro titular

Membro titular

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus por ter me fortalecido nessa trajetória... A meu esposo, Adílio Silva Costa, por todo apoio, motivação e compreensão durante toda a faculdade... A minha mãe, Ilzene Lopes dos Santos, que sempre me incentivou a correr atrás dos estudos... A meus irmãos, Paula e Bruno, que mesmo de longe me acolheram com palavras motivadoras... A toda minha rede de apoio, que nos momentos em que precisei estavam dispostos a me servir... Em especial aos meus compadres, Adineuza e Wellington, por cuidar do meu filho quando precisei ir para faculdade... A meu sogro, Ailton Pereira Costa, que nunca me disse não quando eu não tinha como chegar à faculdade sozinha e estava sempre zelando pela minha segurança... A meus tios e tias, de longe e de perto, que torceram pelo meu sucesso... Aos amigos que conquistei nesse período, em especial a Mirele, que compartilhou momentos importante comigo, sempre me apoiou e incentivou... Aos professores da Faculdade Espírito Santos, pelo compromisso, zelo e dedicação com nosso aprendizado.... A FAES por proporcionar a mim a oportunidade de ingressar no ensino superior e assim me formar...Tenho certeza de que vocês foram parte essencial para a transformação da antiga Camila, para a Camila de hoje. Sem vocês nada disso seria possível. Muito obrigada!

Camila dos Santos Azevedo

AGRADECIMENTO

. A Deus por ter dado saúde e força para superar as dificuldades... Primeiramente a Deus por minha vida, família e amigos... Agradeço a Ele pelo que conquistei até agora, e peço que me dê sabedoria para continuar conquistando mais... A minha avó Alcida que não está mais no meio de nós, porque mesmo não tendo leitura sempre me incentivou a estudar... A minha mãe que é uma guerreira que sempre me apoiou... O meu esposo Herberto que nunca recusou em dar o seu amor e apoio, incentivo. Obrigada pelo suporte integral, sem você não conseguiria concluir... Minha sogra Valdy por me apoiar nas decisões... A minha filha Hester que é minha inspiração... A minha querida irmã Bárbara pelo apoio e ajuda nos estudos... Ao meu primo Gutemberg que mesmo distante me ajudou chegar até aqui... Agradeço à toda minha família e os amigos, que de alguma forma me incentivou, a conclusão desse curso e começa uma nova carreira... Agradeço pelos os meus amigos que ganhei nesse período, mas o meu sincero agradecimento em especial vai para a minha amiga Camila, que desempenhou significativamente meu crescimento, então fica a minha eterna gratidão, por não me deixar só, não permitir que eu desistisse em um só momento. Obrigada amiga por me encorajar e dar força, pelos conselhos, pela sua dedicação em estar sempre comigo. Pois essa conquista não é só minha e sim nossa... A instituição pela oportunidade de fazer o curso, o seu corpo docente, direção e administração pela confiança... Ao coordenador do curso Carlos Barbosa pelo suporte e sua dedicação e orientação conosco... A meu professor e orientador Marcio Jean, pelo apoio e suporte e desempenho desse trabalho, mesmo em pouco tempo lhe coube suas correções e incentivo... Agradeço a todos os professores que me ajudaram, me proporcionaram conhecimento, que me mostrou arte de ensinar. É com muita gratidão e admiração e respeito que venho expressar o meu obrigado....

Mirele Rocha de Azevedo

RESUMO

AZEVEDO, Camila dos Santos, AZEVEDO, Mirele Rocha; **CRIANÇA COM DISLEXIA NA ALFABETIZAÇÃO**. 2023. (NUMERO DE PÁGINAS). Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Espírito Santo – 2023.

A dislexia pode trazer diversas consequências para o aluno que sofre esse transtorno, desde a má alfabetização até a perda de interesse pelos estudos. O objetivo desse trabalho é compreender a dislexia enquanto transtorno específico de aprendizagem. Este trabalho busca compreender a importância da alfabetização na vida do aluno disléxico e apresentar algumas dicas de como trabalhar com esse em sala de aula. Além disso, pretende refletir as consequências emocionais geradas na vida da criança disléxica. Para alcançar os resultados foi utilizado a pesquisa bibliográfica de diversas áreas do conhecimento, a fim de analisar os prejuízos e refletir sobre os benefícios da intervenção/tratamento precoce. Diante do exposto, o direcionamento e cuidado com o aluno disléxico deve ser feito com muito cuidado e atenção, a fim de evitar que situações desgastantes ocorram e prejudique esse aluno.

Palavras chaves: Dislexia. Alfabetização. Família.

ABSTRACT

Dyslexia can have several consequences for the student who suffers from this disorder, from poor literacy to loss of interest in studies. The purpose of this work is to understand dyslexia as a specific learning disorder. Understand the importance of literacy in the life of dyslexic students and present some tips on how to work with them in the classroom. Furthermore, it seeks to reflect the emotional consequences generated in the life of dyslexic children. To achieve the results, bibliographical research from different areas of knowledge was used, in order to analyze the losses and reflect on the benefits of early intervention/treatment. In view of the above, guidance and care for dyslexic students must be done with great care and attention, in order to prevent exhausting situations from occurring and harming this student.

Keyword: dyslexia. Literacy. Family.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Entendendo a Dislexia	5
Alfabetização do Aluno Dislético.....	12
Escrita e Oralidade.....	19
Papel da Família na Intervenção Precoce	25
Considerações Finais.....	30
Referências	32

Introdução

É evidente que as dificuldades de aprendizagem estão presentes no dia a dia da escola e pouco se discute sobre elas. Preguiçosas, desatentas, insolentes são alguns dos adjetivos dados as crianças que sofrem com algum tipo de transtorno de aprendizagem. Identificar crianças com esses transtornos requer conhecimento e sensibilidade para avaliar cada caso. Uma vez que informações científicas sobre esses assuntos são disseminadas com maior frequência, maior é o público que será beneficiado.

Algumas indagações foram feitas sobre as dificuldades de aprendizagem para delimitar o tema da pesquisa, dentre elas estão: “Quais são as dificuldades de aprendizagem mais comum”; “Por que os alunos são rotulados, demasiadamente, como preguiçosos e desatentos”; “Por que só se discute sobre autismo e transtorno déficit de atenção e hiperatividade”. A problemática da pesquisa consiste em discutir como garantir que a criança com dislexia seja alfabetizada e não sofra com as consequências desse processo tendo como apoio essencial a família e os benefícios da intervenção precoce.

O objetivos da pesquisa é discutir a dificuldade de aprendizagem. Analisar a importância da alfabetização do aluno disléxico. Bem como refletir a importância do apoio da família na vida do aluno com diagnóstico com dislexia frente as dificuldades que o mesmo encontra na fase de aquisição da escrita e leitura.

Para melhor compreensão faremos uma breve revisão no conceito de dificuldade de aprendizagem e dificuldades escolares, visando compreender as similaridades e particularidades de cada uma. Entender esse conceito traz esclarecimentos ao professor e possibilita que o mesmo consiga diferenciar, encaminhar e conduzir da melhor forma o aluno.

Também se faz necessário relembrar a história da dislexia, uma vez que até chegar ao conceito usados atualmente a dislexia já teve outras nomeações. Desse modo, compreender o contexto histórico, viabilizou-se a investigação da origem da dificuldade, visando buscar o tratamento adequado para o indivíduo disléxico.

A palavra dislexia é originada do grego é formado pelas palavras "dis" que quer dizer “distúrbio” ou “difícil” e "lexis" que quer dizer “palavra”, ou seja, dificuldade com

as palavras.(Howell 2020). Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) “a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica”. Essa Definição foi adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002. Ainda segundo a associação cerca de 5 a 17 % da população mundial sofre com o transtorno.

A alfabetização é um processo de extrema importância na vida do ser humano, pois a partir dela o indivíduo tem a possibilidade de usufruir de ambiente que promovam seu desenvolvimento intelectual, social, financeiro, etc. A alfabetização com qualidade inferior ao que se espera acarreta prejuízos significativos para o indivíduo, conseqüentemente para a sociedade, e acaba infringindo o que se impõem na Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira. (BRASIL, 1996).

É válido lembrar o papel da escola e do professor, ressaltando a importância dos mesmos com a qualidade de ensino. O professor tem um papel fundamental no reconhecimento dos sintomas da dislexia, pois são esses profissionais que tem mais contato com os alunos no dia a dia da escola. O docente deve ter um olhar sensível para identificar o aluno com dislexia e assim pode encaminhá-lo para que se tome as providências necessárias para seu avanço.

Os sintomas de dislexia podem ser reconhecidos mais facilmente na primeira fase da alfabetização, assim sendo, crianças que demonstram muita dificuldade no reconhecimento das letras, nos reconhecimentos dos fonemas, faz muito esforço para ler ou lê com muita lentidão, não consegue interpretar o que acabou de ler, escreve de forma espelhada, troca a ordem das sílabas, confunde a grafia de letras parecidas, não consegue fazer cópia do que está na lousa para o caderno, confunde-se na lateralidade, não consegue seguir comandos complexos são sintomas clássicos do transtorno da leitura e da escrita. (Mousinho, 2003).

Leitura e escrita são habilidades essenciais no processo de alfabetização. É comum que crianças cometam erros nessa fase escolar. Mas quando esses erros são acentuados merecem um olhar mais atento dos professores. Por esse motivo torna-se importante o reconhecimento dos sinais precocemente nos alunos que sofrem desse transtorno.

É imprescindível conhecer e diferenciar o processo de oralidade e escrita, visto que cada um desses processos se dá de maneiras diferentes. Porém, são essenciais para vida de qualquer indivíduo, disléxico ou não. O processo de aquisição de fala é

natural. Porém a aquisição da linguagem escrita e, posteriormente a leitura, se dá através de um processo mais complexo.

O papel da família na intervenção e no tratamento da dislexia é extremamente valioso. É fato que a criança disléxica tem um histórico de julgamento, principalmente negativos, a seu respeito. Esses preconceitos acabam afetando a autoconfiança delas e acabam criando conflitos e resistências com os estudos. Buscar intervenção precoce no tratamento para a dislexia podem reduzir esses danos, possibilitando uma perspectiva de vida mais feliz e proveitosa para os disléxicos.

Tendo em vista que o transtorno traz prejuízos no campo educacional e emocional das crianças a metodologia da pesquisa consistiu em leitura e análise bibliográficas de artigos científicos, monografias, revistas educacionais, dissertações de mestrado, site de busca acadêmicas como google acadêmico e SciELO , tese de doutorado.

As referências utilizadas trouxeram grandes contribuições para a pesquisa acadêmica. Portanto, estudos com o de Pain (1985); Magda Soares (2004); Ciasca (2003), Mousinho (2003); Massi (2004); dentre outros, enriqueceram os conhecimentos aqui desenvolvido.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro se refere a história e o conceito da dislexia. A respectiva histórica de investigação da dislexia se faz necessária para saber como se deu a descoberta do transtorno da escrita e da leitura e historicamente se conceituou o transtorno da escrita e da leitura.

O segundo capítulo trata da importância da alfabetização do aluno disléxico ou não. Nesse capítulo também é abordado a responsabilidade da instituição de ensino e do professor no processo de alfabetização. A escola e o docente em sala de aula têm um papel fundamental no diagnóstico da dislexia, porque é neste ambiente que o transtorno se manifesta com mais clareza. Encaminhar o aluno com hipótese diagnóstica de dislexia é fundamental, portanto, o corpo docente e de gestão escolar devem ter um olhar atento sobre dificuldades de aprendizagens.

No terceiro capítulo refere-se a dois aspectos fundamentais na vida do estudante disléxico, a escrita e oralidade. Visto que essas duas linguagens, oral e escrita, são elementos essenciais para fazer com que o aluno transgrida as expectativas sociais. Nesse capítulo é possível entender os processos de aquisição

desses dois aspectos. Além disso, foi possível apresentar dicas de como trabalhar e auxiliar os alunos com dislexias.

No quarto capítulo, não menos importante, busca refletir os impactos emocionais que o diagnóstico de dislexia pode gerar na criança. A participação da família na intervenção e tratamento do aluno disléxico é de extrema relevância. Esses alunos necessitam de um acompanhamento minucioso, pois além de se sentirem insuficientes, acabam sofrendo preconceito na esfera social.

Entendendo a Dislexia

É notório que as dificuldades de aprendizagem estão presentes no ambiente educacional. O transtorno da escrita e da leitura, conhecido mais especificamente com dislexia, é um tópico que está inserido nas dificuldades de aprendizagem e pouco se conhece sobre ela. Reconhecer os sinais desse transtorno não é uma tarefa fácil. Com rotinas exaustivas e estressante, os professores, por vezes não conseguem observar os alunos que sofrem com esse diagnóstico.

Muitas vezes os alunos disléxicos são apontados como preguiçosos, desatentos, lerdos e relapso. É comum no ambiente escolar os alunos com dificuldades, de qualquer nível, serem rotulados com adjetivos pejorativos, por terem um funcionamento cerebral diferente ou prejudicados muitas vezes sofrem com preconceitos por sua condição. É essencial entender e reconhecer os sinais da dislexia para que esses sujeitos não sofram devido a sua circunstância.

Os primeiros interessados em estudar a dislexia foram os oftalmologistas, para eles o transtorno poderia ter causalidades provenientes de dificuldades visuais, visto que os alunos aparentemente normais não tinham um bom rendimento escola, ou ficavam muito aquém do que era esperado para a idade. Pesquisas posteriores revelaram que as causas, das dificuldades de aprendizagem incluindo a dislexia, são neurobiológicas.

Sendo assim, vale revisar, a partir do material bibliográfico, o conceito de dificuldade de aprendizagem. Para tanto, foi utilizado estudos científicos de diversas áreas do conhecimento, possibilitando assim abranger uma visão ampla e diversificada.

Ciasca (2004), área das neurociências, buscou diferenciar as dificuldades de aprendizagem das dificuldades escolares. Para essa autora dificuldades escolares, o que classificou de DE, referem-se as dificuldades que aparecem nas primeiras fases do desenvolvimento escolar. Portanto afirma:

Considero Distúrbio de Aprendizagem como uma disfunção do Sistema Nervoso Central. Portanto, um problema neurológico relacionado a uma falha na aquisição ou no processamento, ou ainda no armazenamento da informação, envolvendo áreas e circuitos neuronais específicos em determinado momento do desenvolvimento. E considero como tendo uma Dificuldade Escolar (DE) a criança que não aprende por ter um problema pedagógico relacionado à falta de adaptação ao método de ensino, à escola, ou que tenha outros problemas de ordem acadêmica. (CISCA. 2004. p.5).

Outra área que agregou bastante conhecimento para esclarecer as dificuldades de aprendizagem foi a psicologia e a psicopedagogia. Pois, visando compreender os problemas que enchem os consultórios clínicos, esses profissionais buscaram resposta para os diversos problemas encontrados no ambiente educacional. Para essa área de conhecimento foi revisado a pesquisa de Paín (1985). Conforme essa autora:

Consideramos perturbações na aprendizagem aquelas que atentam contra a normalidade deste processo, qualquer que seja o nível cognitivo do sujeito. Desta forma, embora seja frequente uma criança de baixo nível intelectual apresentar dificuldades para aprender, apenas consideraremos problemas de aprendizagem aqueles que se não dependem daquele déficit. Isto quer dizer que os problemas de aprendizagem são aqueles que se superpõem ao baixo nível intelectual, não permitindo ao sujeito aproveitar as suas possibilidades. (PAÍN, 1985 p. 13).

A partir dessa problemática tornou-se possível a diferenciação dos dois tipos de dificuldades, e conseqüentemente, permitiu-se conceituá-las, uma vez que interferem de maneiras distintas no processo de aprendizagem.

Distinguidas, as dificuldades de aprendizagem, seguiremos assim com objetivo da pesquisa que é compreender a dislexia. A palavra dislexia, epistemologicamente, é derivada do grego, “dis” significa dificuldade e “lexis” palavra. Então, dislexia significa dificuldade com as palavras. Hudson (2019).

Para o contexto histórico da dislexia nos aprofundaremos nos estudos de Howell, (2020); Cardoso e Freitas (2001). Esses autores analisaram as noções que nortearam os rumos do conceito da dislexia. Em suas pesquisas eles diferenciaram o que pensavam os primeiros estudiosos que publicaram estudos sobre dislexia. Eles verificaram as obras de Berlin e Morgan e Orton, ambos da área da saúde.

Berlin, na Alemanha, foi o primeiro a usar o termo dislexia, aproximadamente, treze anos antes do que definiu Morgan em 1896. Para o pesquisador o conceito de Berlin se referia a dislexia adquirida, quando o sujeito aprende a ler e escrever normalmente, porém após algum dano cerebral, perde essa habilidade. Já o médico Pringle Morgan utilizou “cegueira verbal congênita” para se referir a dislexia, quando foi solicitado para avaliar um menino de 14 anos que apresentava problemas educacionais. Segundo o autor Morgan se referia a dislexia do desenvolvimento, quando o indivíduo já nasce com transtorno da leitura e escrita. (Howell, 2020).

Outro contribuinte que conduziu os estudos sobre a dislexia foi Samuel Orton. Segundo análises desse autor os indivíduos possuíam inteligência média/alta, porém

não tinham organização cerebral para fazer a ligação entre o visual para a linguagem falada, como também possuíam uma tendência para escrever de forma espelhada, ou seja, escrever letras ao contrário.

Baseados nessas correntes de pensamentos outros estudiosos buscaram aprofundar-se na investigação minuciosa sobre o tema. Por se tratar de um transtorno específico de aprendizagem, atualmente, a dislexia é muito estudada no campo da fonoaudiologia, visto que o transtorno afeta a área da linguagem oral e escrita. Para Silva (2009)

Os fonoaudiólogos, por seus conhecimentos e sua formação sobre linguagem e distúrbios de linguagem, estão cada vez mais envolvidos na identificação, na avaliação e no tratamento de indivíduos com distúrbios de leitura. SILVA (2009, pág. 471).

A hipótese de lesão cerebral se manteve por um bom período, entretanto, com o avanço das pesquisas, perdeu credibilidade. Muitos fonoaudiólogos estão envolvidos no processo de tratamento desse transtorno de aprendizagem. Para Massi e Santana (2011): “Estudos mais recentes, embora considerem déficits de processamento temporal, déficits de processamento visual e auditivo como possíveis causas da dislexia, apontam o modelo do déficit fonológico como o mais aceito na atualidade.”

A Associação Brasileira de Dislexia ao adotar o conceito da International Dyslexia Association, em 2002, define a dislexia como:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (IDA- 2002)

Ainda segundo a instituição cerca de 5 a 17% da população mundial sofre com o transtorno. Nessa perspectiva se torna crucial a disseminação de informações sobre o tema, principalmente no âmbito educacional, local onde a criança disléxica evidencia os primeiros sinais de disfunção da leitura e escrita.

Já Mousinho descreve a dislexia como:

Podemos dizer que a dislexia é: um transtorno ESPECÍFICO de leitura; um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem; um déficit linguístico, mais especificamente uma falta de habilidade no nível fonológico; uma dificuldade específica para aprendizagem da leitura bem como para reconhecer, soletrar e decodificar palavras. (MOUSINHO, 2003).

Não há dúvida que a dislexia se trata de um transtorno específico de aprendizagem que abrange os processos linguísticos, logo, compreende-se que esse

transtorno traz prejuízos na escrita e na leitura, o que impacta diretamente na aprendizagem do aluno disléxico.

A aprendizagem do indivíduo se dá de forma única e particular. Os sinais da dislexia aparecem, mais nitidamente, na fase de alfabetização. Identificar esses sinais se torna primordial para que a aprendizagem se torne efetiva, além disso, permite que o aluno tenha a intervenção necessária para melhoria dos sintomas apresentados, melhorando seu desempenho escolar e garantindo o que impõem a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei 9.394/1996.

O sujeito disléxico apresenta uma série de sintomas. Esses sintomas aparecem de forma acentuada na escolarização, quando o aluno não consegue avançar em relação aos demais. Esses sinais são pontuais e podem apresentar um padrão de repetições. À proporção que o professor tenta “corrigir” o aluno o mesmo não consegue evoluir, por isso acaba sendo orientados a buscar ajuda de um especialista.

Antes de mais nada é indispensável compreender como aquela criança se desenvolveu a partir do nascimento, e se ela atingiu ou não, os marcos de desenvolvimento infantil. Muitas pesquisas relatam que é possível observar alguns indicadores antes mesmo dessas crianças entrarem na escola. Possível atraso de fala, dificuldade em aprender ritmos e rimas, pronúncia de palavras incorreta, são alguns dos sinais que a criança disléxica apresenta. (Mousinho, 2003).

Em estudos recentes, Barbosa (2013), vai mais além quando cita os indicadores motores. Conforme essa autora:

O disléxico se destaca com alguns sintomas ainda na infância quando apresenta atraso no desenvolvimento motor, dificuldade na fase de engatinhar, sentar e andar, na aquisição da fala e pronúncia de palavras, dificuldade em entender o que está ouvindo, problemas como alergias, infecções e também pode apresentar-se com hiper ou hipo atividade motora, dificuldade de adaptação nos primeiros anos letivos. (BARBOSA, 2013).

À proporção que esta criança se desenvolve ela vai superando os marcos de desenvolvimento motor e acaba passando despercebida, simplesmente pela ilusão enraizada na sociedade, de que cada criança tem seu tempo. À medida que avança na idade, acaba chegando a fase de alfabetização. Esse momento é o que mais evidencia a dislexia, pois, como ela interfere no processamento da linguagem, e, é na alfabetização que começa o trabalho de reconhecimento das letras associados com o som e a grafia, a família acaba se dando conta que tem algo que não se encaixa.

É na escola que os primeiros indícios da dislexia são notados. É o professor dos anos iniciais que tem o compromisso de reconhecer e encaminhar os alunos disléxicos. É esses profissionais que devem proporcionar um ambiente favorável para o desenvolvimento dos educandos.

Nessa fase, os alunos com dislexia apresentam sinais pontuais no desenvolvimento da leitura e da grafia, têm muita dificuldade no reconhecimento das letras, dificuldade em lembrar os sons das letras, escrita de forma espelhada, confunde letras parecidas, como por exemplo d e b, omissão de letras, não consegue compreender que as palavras podem ser divididas e que cada sílaba tem um som, não consegue copiar do quadro, ou quando faz, têm muita dificuldade, pois confunde-se na lateralidade, muita dificuldade na leitura, leitura entrecortada, adivinhação de palavras, quando lê não consegue entender e assimilar o que está lendo, precisando de intervenção do professor. (TELES, 2004. MOUSINHO, 2003).

Embora os sinais sejam confundidos com as dificuldades escolares dos alunos em fase de alfabetização, os disléxicos, apresentam comportamentos específicos que auxiliam para a identificação dessa dificuldade de aprendizagem. Geralmente esses alunos apresentam relutância em ir à escola, quando vão ficam mais quietos para não chamar atenção, baixa autoestima, alguns apresentam comportamentos agressivos diante do professor, não participam de atividades que envolvam leitura ou interpretação, o que contribui para a apatia do aluno, comportamento depressivo, recusa em socializar, medo, vergonha. (CABUSSÚ, 2009).

É fato que o ambiente escolar é ambíguo. Ora proporciona a inclusão, ora a exclusão. De tal maneira o indivíduo com dislexia sofre com a influência, principalmente, do fator excludente. O aluno disléxico sofre muito no processo de escolarização. É na escola que o aluno vivencia as primeiras experiências fora do contexto familiar, iniciando assim a noção de comunidade e posteriormente de sociedade. Portanto, a criança que tem dislexia já passa pela experiência da discriminação precoce, levando-a a desenvolver sérios problemas emocionais.

Historicamente fechar um diagnóstico, de dislexia ou não, é reduzir uma pessoa àquela dificuldade. Limitar o sujeito à condição de suas dificuldades é enxergá-lo como incapaz de avançar. No que se trata da dislexia, estudos demonstraram que a dislexia tem tratamento e pode-se ter melhoras. Com as intervenções corretas, feitas pela

equipe multidisciplinar, as melhoras dos sintomas podem ser superados e a criança passa ter qualidade de vida.

O DSM-5, Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, é a ferramenta utilizada para classificar e nortear os critérios de diagnósticos dos transtornos mentais. Esse manual também classifica os transtornos do neurodesenvolvimento, onde está disposto os Transtornos Específicos de Aprendizagem que abordam as questões de leitura, escrita e cálculos matemáticos. Para diagnosticar um transtorno específico de aprendizagem é preciso que o indivíduo se enquadre nos quatro critérios que o documento apresenta, levando em consideração os relatos do quadro clínico (médico), familiar e educacional, por meio do preenchimento de relatórios. Segundo o manual expõe no primeiro ponto:

- A. Dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas, conforme indicado pela presença de ao menos um dos sintomas a seguir que tenha persistido por pelo menos 6 meses, apesar da provisão de intervenções dirigidas a essas dificuldades:
 - 1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, tem dificuldade de soletrá-las).
 - 2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido).
 - 3. Dificuldades para ortografar (ou escrever ortograficamente) (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).
 - 4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza). [...]. (DSM-5, 20014)

Torna claro que as dificuldades na leitura e escrita fazem parte do transtorno que podem afetar as crianças em fase escolar. Mais à frente o documento classifica mais três critérios essenciais para o diagnóstico. São eles:

- B. As habilidades acadêmicas afetadas estão substancial e quantitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, causando interferência significativa no desempenho acadêmico ou profissional ou nas atividades cotidianas [...]
- C. As dificuldades de aprendizagem iniciam-se durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências pelas habilidades acadêmicas afetadas excedam as capacidades limitadas do indivíduo (p. ex., em testes cronometrados, em leitura ou escrita de textos complexos longos e com prazo curto, em alta sobrecarga de exigências acadêmicas).
- D. As dificuldades de aprendizagem não podem ser explicadas por deficiências intelectuais, acuidade visual ou auditiva não corrigida, outros transtornos mentais ou neurológicos, adversidade psicossocial, falta de proficiência na língua de instrução acadêmica ou instrução educacional inadequada. (DSM-5, 20014).

Não há dúvida que para diagnosticar um aluno é preciso ter requisitos necessários. É notório que as suposições que acontecem, muitas vezes no ambiente escolar, são baseadas nos meros achismos que se construíram ao decorrer do tempo, gerando consequências desafiadoras para os alunos disléxicos.

Compreender a importância do diagnóstico é imprescindível para o tratamento do aluno disléxico, uma vez que é um cidadão com direitos garantidos. Para Estil (2003), “É importante estabelecer a diferença entre um diagnóstico e uma impressão superficial. A finalidade dos diagnósticos não é segregar, mas sim classificar uma dificuldade para melhor conhecê-la e então oferecer os tratamentos adequados.”

Vale ressaltar que a dislexia não é uma patologia, ou seja, uma doença. Logo, não tem cura, e sim, tratamento. Alguns estudos indicam que a dislexia tem uma herança genética, portanto, existem linhas de pesquisas que identificaram semelhanças entre alunos disléxicos com familiares com possíveis diagnósticos.

O diagnóstico de dislexia é feito pela equipe multidisciplinar com profissionais de diversas áreas como: neurologista, psicopedagogo, psicólogo e principalmente com o fonoaudiólogo, pois esse profissional tem se destacado no tratamento da dislexia. Gonçalves & Peixoto (2020).

A dislexia acompanha o sujeito ao longo da vida, portanto tratar os sintomas precocemente pode trazer diversos benefícios na infância, principalmente na alfabetização. Com a intervenção correta feita com a equipe multidisciplinar o aluno pode avançar e conseguir superar suas dificuldades.

Alfabetização do Aluno Dislético

Antes mesmo de aprender a linguagem escrita a criança já tem o contato com a linguagem oral. Portanto, entende-se que a aquisição da escrita não é um processo natural do ser humano. Até antes de aprender a codificar e decodificar os símbolos da escrita, o ser humano é capaz de fazer o reconhecimento de imagem, ou seja, ele consegue distinguir e identificar situações que é exposto.

Esse processo foi essencial para o desenvolvimento da espécie humana, visto que a partir do reconhecimento de situações sociais, foi possível a comunicação entre os semelhantes. A alfabetização é um dos processos que ajuda na evolução e na libertação dos seres humanos, enquanto cidadãos, pois é a partir dela que se torna possível enxergar o mundo com outra perspectiva.

Segundo Coelho (2017)

Apesar de seu caráter parcialmente pragmático, a alfabetização permite a construção das bases intelectuais para a aquisição dos conceitos científicos, através da possibilidade de desenvolvimento da linguagem escrita. Ao mesmo tempo em que a alfabetização mantém uma proximidade com o âmbito da vida cotidiana, ela estabelece um elo na passagem para o âmbito da vida não-cotidiana, pois, sem a linguagem escrita, o ingresso nesse universo é quase impossível. (COELHO. 2017).

O processo de alfabetização pode ser complexo e desafiador. Ele exige diversas habilidades do cérebro. Uma parte considerável das crianças que iniciam a fase de alfabetização possui alguma dificuldade em executar essa tarefa. Quando se trata do aluno com diagnóstico de dislexia essa dificuldade fica ainda maior. É fato que o aluno dislético quer ser alfabetizado, porém, devido a sua condição essa tarefa é mais dolorosa.

Os autores utilizados para construir esse capítulo trouxeram grandes contribuições para a pesquisa acadêmica. Visando evidenciar a importância da alfabetização, as análises aqui feitas apresentam contribuições para entender a relevância da alfabetização do aluno dislético. Logo, obras de MORTATTI (2006); MARCO (2020); RODRIGUES e SILVA (s/d); COELHO (2017); SANTOS (2020), não podem ficar de fora dessa pesquisa.

É fato que a alfabetização abre novas oportunidades na vida do ser humano. Aprender a ler e escrever possibilita que o indivíduo tenha acesso a espaços propícios a seu desenvolvimento, viabilizando a este uma qualidade de vida. A não

alfabetização, ou a má alfabetização, gera impedimentos para o aluno, e de tal modo acaba infringindo o que está disposto na legislação brasileira.

É pertinente refletir a quem essa responsabilidade está direcionada. Seria só a escola? Seria só do professor? E no caso dos alunos com diagnóstico de dislexia, como se dá esse processo? São questionamentos válidos quando se trata de alfabetizar uma criança. Daremos início, então, a essas reflexões, pela Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Base da Educação, conforme consta:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

A princípio nota-se que é dever da família, e do Estado garantir o pleno desenvolvimento do aluno. Nos artigos e incisos de segmento dessa lei, está organizado de que forma deve-se garantir esse desenvolvimento, inspirados nos princípios de igualdade de direitos, respeitando assim as diversidades, os valores, e a liberdade.

No ano de 2022, foi incluso na nessa lei alguns incisos importantes que tratam da alfabetização. Evidenciando assim a importância de tratar desse tema. Ficou descrito os seguintes ajustes:

Artigo 4º, inciso XI:

XI – alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos. (BRASIL, 2022)

E no artigo 22º foi acrescentado em Parágrafo único:

Parágrafo único. São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do **caput** deste artigo. (BRASIL, 2022).

Esses dois ajustes trouxeram uma grande atenção para a alfabetização e a formação de leitores. Esse acréscimo na lei foi de extrema relevância para os alunos com dislexia, pois reforçam que alfabetizar e criar bom leitores deve ser uma realidade vivida dentro da escola.

A escola, enquanto instituição educacional, não pode abster-se dessa responsabilidade pedagógica. Jogar toda a responsabilidade sobre os fiascos da alfabetização em cima dos coordenadores e da prática do professor em sala de aula não isenta a sua responsabilidade com a lei e a sociedade. O gestor escolar tem um

papel fundamental nesse processo, pois ele prepara o corpo docente juntamente com os coordenadores para conduzir o processo educacional da melhor forma. Podemos assim exemplificar essa conduta com a construção do Projeto Político Pedagógico, documento que norteia as ações da escola e, através desse documento, definir os objetivos e as melhorias para a instituição escolar, conseqüentemente, para processo de alfabetização em si.

Concluindo a reflexão do papel da escola, passaremos a analisar a responsabilidade do professor nesse processo. É esse profissional que está diante dos alunos, mediando a construção do conhecimento dia a dia, experienciando na prática os desafios encontrados na educação.

O professor tem um papel substancial com os alunos disléxicos, pois é a partir dele que se torna possível efetivar o processo de alfabetização. Além disso, é no ambiente da sala de aula que os primeiros sinais da dislexia são descobertos, desta forma o professor é quem tem o primeiro olhar sobre as dificuldades de aprendizagem, podendo assim identificá-las e encaminhá-las intervindo assim para sua melhoria.

Sua responsabilidade com a alfabetização é significativa, pois é esse profissional que vivencia a educação de perto. Segundo Santos (2020):

O professor é o fio condutor no processo da alfabetização - ensino e aprendizagem – pois ele é responsável por mediar, ou seja, dar vida, de maneira contextualizada, instigante e significativa a aprendizagem, valorizando os saberes prévios dos alunos, bagagem cultural, social e econômica que trazem consigo. (SANTOS, 2020).

Conforme esse autor o professor tem o papel fundamental na alfabetização. O mesmo tem que considerar vários aspectos da vida da criança, visando aproveitar o melhor de cada um e transformar em aprendizagem significativa na vida de seus alunos. Além disso, é o professor que têm a didática para mostrar ao aluno a melhor maneira de decodificar e codificar as letras e números, aprender a gramática, a associar a linguagem oral com a linguagem escrita, como também ensinar a se expressar através da escrita.

O professor dos anos iniciais de alfabetização se depara com diversas dificuldades de aprendizagem. Sejam elas as dificuldades escolares, ou seja, momentâneas, ou as dificuldades específicas de aprendizagem que atrapalham o desenvolvimento do educando, essa segunda, interfere diretamente como empecilho de sua evolução.

Seu papel diante do diagnóstico de dislexia é de buscar motivar esse aluno, para que ele consiga transgredir os limites que a ele os impõem. Estil (2003) define o papel do professor, frente ao diagnóstico de dislexia, como

O professor tem um papel importante e essencial neste momento, pois cabe a ele, percebendo as dificuldades desta criança, ajudar e incentivar este aluno, de modo que ele desperte como um leitor e não adormeça como alguém que fracassou, refugiando-se num falso sono, confundido com desinteresse, descaso, incompetência, irresponsabilidade, falta de atenção, falta de cuidados da família, e por aí seguem os “rótulos” que as pessoas vão agregando ao nome próprio desta criança. (ESTIL, 2003).

É característico que alunos disléxicos sejam rotulados com adjetivos pejorativos como lerdos, preguiçosos, desinteressados. Quando na verdade muitos deles se esforçam, e não conseguem alcançar os resultados esperados. E de quem seria essa culpa? Dele e da sua “capacidade reduzida”, ou do método? Seria possível alfabetizar o aluno disléxico ou ele nunca irá aprender? Qual a sua participação do aluno nesse processo? E a do professor? Essas perguntas serviram como base para encaminhar o curso desse capítulo, dedicando assim compreender como se dá o processo de alfabetização do aluno disléxico.

Para iniciar o desdobramento para esses questionamentos é importante considerar o conceito de alfabetização. Segundo Soares (2004):

[...] no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2004)

Para essa autora alfabetização e letramento são compreendidos como processos diferentes, porém são indissociáveis, em razão que um depende do outro. Em seus estudos mais à frente a autora deixa claro é conveniente ter clareza dos objetos de estudos a que cada conceito se refere. A autora cita

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. (SOARES, 2011)

Como esclarecido no capítulo anterior a dislexia atinge os processos linguísticos do aluno, portanto a alfabetização se torna prejudicada, visto que o processo da escrita depende da oralidade.

Em seus estudos Teles (2004), analisa as rotas que o cérebro faz para fazer o processamento da leitura. No cérebro típico, ou seja, de uma pessoa sem o

diagnóstico de dislexia, o percurso de processamento da leitura é muito mais rápida do que o cérebro de um indivíduo com dislexia. Essa diferença é classificada pela autora como:

As crianças com dislexia apresentam uma «disrupção» no sistema neurológico que dificulta o processamento fonológico e o consequente acesso ao sistema de análise das palavras e ao sistema de leitura automática. Para compensar esta dificuldade utilizam mais intensamente a área da linguagem oral, região inferior-frontal, e as áreas do hemisfério direito que fornecem pistas visuais. (TELES, 2004).

Portanto conclui-se que não é desinteresse do aluno, muito menos falta de vontade do mesmo em aprender. Esse atraso também não se refere a metodologia ou a prática do professor. É o funcionamento cerebral desse aluno que escolhe a rota do processamento mais lento, ou seja, a interrupção do curso normal do processamento da leitura, e acaba interferindo no desenvolvimento da capacidade de leitura, consequentemente, na sua alfabetização. Vale ressaltar que este é um processamento de origem neurobiológica, um funcionamento particular do cérebro, não uma escolha do indivíduo.

Entretanto, ao contrário do que se pensa, o aluno disléxico tem plenas condições de ser alfabetizado. Conforme afirmam Gonçalves & Peixoto (2020):

Com tratamento adequado e estímulos em relação às suas limitações, é possível oportunizar a alfabetização do disléxico além de uma sensível progressão em seu processo de aprendizado de forma geral, proporcionando assim uma melhora de sua autoestima e de sua socialização entre os pares. (GONÇALVES & PEIXOTO, 2020, pág. 25)

O professor é peça fundamental no desenvolvimento de qualquer aluno. É papel do professor ter um olhar flexível sobre o aluno com dislexia, a fim de compreender o porquê esse aluno não processa as informações como os demais. Para tanto, convém lembrar o que incumbiu a LDB aos professores de: “III - Zelar pela aprendizagem dos alunos;” (BRASIL, 1996). Além disso, o professor deve garantir um ambiente saudável para educando, uma vez que esse aluno é alvo de muito preconceito.

O processo de alfabetização do aluno disléxico é complicado, pois podem desencadear uma série de constrangimentos. Boas práticas devem ser adotadas pela equipe educacional afim de sanar os problemas encontrados no caminho. Nessa perspectiva Marco (2020) trouxe sua contribuição afirmando:

O processo de alfabetização e letramento por ser um momento delicado, é essencial um educador com um olhar atento e humano, com um bom entendimento sobre os métodos de ensino e compreensão sobre o assunto, aliado a um planejamento adequadamente elaborado, nesse processo é indispensável, é com ele que o aluno vai se sentir encorajado e motivado,

tendo o apoio necessário para vencer obstáculos, ocorrendo assim, aprendizagens significativas. (MARCO, 2020).

Hudson (2019) trouxe uma série de dicas para lidar com os alunos disléxicos em sala de aula. Essa autora cita que o processo do aluno em sala de aula é mais lento do que os alunos sem dislexia. Conforme a autora o professor deve estar atento desde a fonte de letra utilizada nas atividades desses alunos, quanto ao tempo extra que pode ser disponibilizado para que ele desenvolva suas atividades.

Gonçalves & Peixoto (2020), então acrescentam:

Assim, é necessário por parte de todos os educadores uma reflexão coletiva sobre o planejamento incluindo atividades educativas, recursos e avaliações diferenciadas visando garantir a aprendizagem dos estudantes disléxicos dentro do ensino regular. (GONÇALVES E PEIXOTO, 2020)

Não há dúvidas que o aluno disléxico deve ter um planejamento diferenciado e suas atividades adaptadas, não porque ele é diferente dos outros, mas pelo fato de que ele aprende melhor de outras formas.

O apoio multissensorial é de extrema valia para o processo de alfabetização do aluno disléxico, pois assim, a criança aprende de forma significativa ativando várias áreas do cérebro. Como a dislexia consiste em um déficit na aquisição da leitura, por um impedimento da consciência fonológica, é necessário apresentar a esse aluno outras formas de construir o conhecimento, utilizando mais de um sentido. Estil (2003).

Teles (2004) ressalta:

Os métodos de ensino multissensoriais ajudam as crianças a aprender utilizando mais do que um sentido, enfatizando os aspectos cinestésicos da aprendizagem e integrando o ouvir e o ver com o dizer e o escreve. (TELES, 2004).

Para isso, Mousinho (2016), traz várias estratégias para incentivar o aluno disléxico, visto que não considera justo que esse aluno seja prejudicado em relação de sua condição. Segundo essa autora.

A ampliação de recursos visuais é altamente indicada por vários estudiosos do assunto. Imagens podem proporcionar ao aluno disléxico uma nova perspectiva do assunto. O que falamos é temporal, acaba. Imagens, em contrapartida, são mais estáveis e entram como novo formato sensorial, fixando melhor a informação. Apresentar aos alunos filmes ou aulas online complementares ao que vai ser desenvolvido em sala de aula é um recurso bastante rico. (MOUSINHO, 2016).

Como citado acima os recursos visuais trazem muitos benefícios para o aluno disléxico, portanto é considerável que o professor se aproprie dessa prática para aplicá-la ao aluno disléxico.

Além disso, e conforme ainda com essa mesma autora, a valorização da linguagem oral deve ser incentivada como recurso didático para a avaliação desse aluno, para tanto, promover discursões acerca do conteúdo, pedir que o aluno

confirme oralmente as respostas, disponibilizar mais tempo para as avaliações, ter discernimento para avaliar os erros ortográficos, uma vez que o disléxico tem dificuldade de colocar no papel o que está pensando, contextualizando as respostas e visando compreender a ideia do que foi escrito. Mousinho (2016).

Vala salientar que as propostas de intervenção não acontecem só na escola, a criança pode ser estimulada com a equipe de psicopedagogos, seções de fonoaudiólogo, reforço escolar, desde que o profissional saiba trabalhar com o aluno com dislexia, e apoio familiar. Se faz necessário que esse aluno seja acompanhado pela equipe multidisciplinar, com objetivo de zelar por sua integridade.

O fato de o aluno ter um diagnóstico pode acarretar sérias consequências na esfera emocional e social da criança. E quando não acontece o encaminhamento correto desse aluno, o mesmo fica à mercê dos rótulos a que a ele são empregados. Na pior das hipóteses, acontece o desinteresse pelo aprender e acaba criando a relutância em ir à escola.

A escola enquanto espaço social não está direcionada somente as práticas acadêmicas. É nesse espaço que o aluno amplia suas relações sociais. A escola prepara também para a vida em sociedade. Atrelado a isso está o desenvolvimento emocional do educando. O ambiente escolar oportuniza ao aluno criar vínculos de amizade, transformando esse ambiente agradável e propício para a aprendizagem.

Nesse sentido, é pertinente que escola e professores cooperem para que o aluno com dislexia tenha uma boa experiência escolar. Para que o mesmo possa superar as adversidades do diagnóstico.

Escrita e Oralidade

No processo de alfabetização a escrita e oralidade são importantes para pensar o processo de formação dos alunos. A escrita é um marco relevante na construção da sociedade, pois a partir dela que se tornou possível traduzir a fala em um sistema de símbolos. Mousinho e Martins (2012).

Evidentemente, a dislexia definida como transtorno que afeta a linguagem, enfrenta a interferência quando se trata da oralidade e escrita. Portanto, cabe a esse capítulo esclarecer e relacionar a escrita e oralidade com a dislexia, por meio da revisão bibliográfica de autores que contribuíram para o entendimento de como esse processo interfere na vida escolar do aluno disléxico.

A escrita e oralidade faz parte da comunicação para aprendizagem do ser humano como instrumento de comunicação e interação, em que o indivíduo será capaz de estabelecer relações sociais, criar vínculos, reconhecer-se como sujeito e desenvolver habilidades cognitivas no processo de compreensão da linguagem.

A criança aprende a falar porque convive com outras pessoas que falam e porque tem uma faculdade da linguagem, também chamada de pensamento ou de mente humana. Aprender a falar depende, pois, da racionalidade humana que é dada a todo o ser humano pela natureza e da interação com outras pessoas. (CAGLIARI, 2017).

Segundo Cagliari (2017), aprender a falar é um processo natural, porém complexo. Para esse autor os sons da fala são como os sons de qualquer outra coisa, e para entender esses sons como linguagem é preciso que pertença a um sistema: a língua. Ainda conforme esse autor “As línguas, porém, não são feitas dos sons das palavras isoladas, mas de estruturas que juntam ideias e sons, formando palavras, frases, textos etc.”

Para Bagno (1999) a língua falada é essencial para a sobrevivência humana. Segundo o autor:

A língua falada é a língua tal aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência. Um grito de socorro tem muito mais eficácia do que essa mesma mensagem escrita. (MAGNO, 1999).

A oralidade e a escrita são conectadas para a compreensão e a expressão principais do desenvolvimento linguístico, esses aspectos possuem grandes impactos na construção de um novo conhecimento quanto na elaboração de seu conhecimento prévio. A linguagem oral é um domínio linguístico imprescindível para o processo de alfabetização, tanto no discurso oral quanto no escrito. Entretanto, existe o surgimento

de dificuldades neste percurso, como por exemplo o transtorno da dislexia que parte dos problemas de aprendizagem estão relacionados a quadros etiológicos de transtornos do neurodesenvolvimento que podem explicar a não proficiência de algumas crianças na leitura e na escrita.

Portanto, é compreensível que para aprender a escrita, existe uma sequência onde a criança primeiro entende e aprende a linguagem oral para a partir disso conseguir representar a fala através da escrita, utilizando o sistema alfabético (fonético) para representar os sons isolados, para depois desenvolver a habilidade do sistema lexical que é reconhecer as palavras e associá-las com o contexto.

Segundo Muszkat e Rizzutti (2017), a fala é instintiva do ser humano, ou seja, que nasce instintiva e engloba o processo biológico e natural das pessoas. Conforme os autores.

Enquanto a fala é instintiva e biológica, a escrita e a leitura são invenções, criações humanas. O objetivo da escrita não é simplesmente o registro da fala, mas transmitir mensagens por meio de um sistema convencional que representa conteúdos linguísticos, pressupondo uma análise da linguagem. (Muszkat e Rizzutti 2017).

É pertinente relembrar o que é escrita. Como acontece a aquisição da escrita e qual a sua importância na vida do indivíduo. Para essas reflexões foi utilizado as contribuições de Magda Soares, que se dedicou as pesquisas científicas sobre alfabetização e letramento dois conceitos que estão extremamente ligados com a escrita e oralidade. Essa autora define alfabetização como “a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”. E esclarece o termo alfabetizar como “tornar o indivíduo capaz de ler e escrever.” (SOARES, 2004).

Buscando o conceito mais abrangente de alfabetizar surgiu, durante a história da humanidade, o letramento que é um processo mais abrangente da leitura e da escrita. A autora citada acima também evidenciou, cientificamente, a história do conceito e a definição de letramento em seu livro intitulado: *LETRAMENTO: Um tema em três gêneros*. Em síntese, Soares define: “letramento é o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado.”

Mas a frente esclarece:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; *apropriar-se da escrita* é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (MAGDA SOARES, 2004).

Dado essas informações, podemos compreender os conceitos de alfabetização e letramento, visto que esse último está inteiramente ligado a como o sujeito a partir da habilidade da escrita e da leitura vai desenvolver-se diante das exigências da sociedade. É relevante lembrar que essas habilidades estão direcionadas a todos os estudantes, independentes das dificuldades de aprendizagem.

Teixeira, Limberger e Buchweitz descrevem a dislexia

A dislexia caracteriza-se pela dificuldade persistente na decodificação das palavras e no desenvolvimento da leitura fluente, especificamente na aprendizagem da relação entre grafema e fonema. (TEIXEIRA, Mariana; LIMBERGER, Bernardo; BUCHWEITZ, Augusto, 2016).

Desse modo, o desafio de reconhecimento das letras é complexo para os alunos com dislexia, e conseqüentemente, esses alunos têm prejuízos na alfabetização e no letramento. Esses prejuízos podem trazer conseqüências não só na área educacional, mas em outras áreas da vida do aluno.

Para Figueira (2012, p.16) a dislexia não é somente a dificuldade com as palavras, mas uma disfunção linguística, devido suas dificuldades na manipulação mental dos fonemas. Não implica simplesmente na dificuldade em aprender as letras, mas também em identificar e organizar símbolos. Além disso, a maioria das pessoas com dislexia apresenta problemas em identificar os sons individuais da fala (fonemas) nas palavras ou em aprender como as letras representam esses sons, um fator-chave para sua dificuldade em leitura.

Para Massi e Gregolin (2005) é preciso tomar cuidado quando se relaciona a oralidade com a escrita, uma vez que consistem em processos linguístico e usos diferentes. A oralidade, conforme as autoras, se dá no dia a dia do indivíduo. Nessa troca é permitido as variações linguísticas de cada comunidade. Porém na escrita existe uma ortografia que é inflexível. As autoras citam:

Por conseguinte, a oralidade deixa espaço para pronúncias diferentes, dependendo do dialeto usado: “iscada” ou “escada”; “peixe” ou “peixi”; “lapsu” ou “lapiso”, sem que isso nos traga constrangimentos. A ortografia, ao contrário, pelo seu caráter convencional, torna-se inflexível e nos leva a escrever de um único modo: escada, peixe e lapso, embora o sistema de escrita permita que palavras sejam escritas conforme sua pronúncia. (MASSI, GREGOLIN. 2005).

Outro adendo que as autoras fazem é que na oralidade temos a interação entre duas pessoas, ou seja, a presença de duas pessoas. Ressaltam também que fazem parte desse tipo de linguagem a prosódia, isto é, entonação, intensidade, ritmo, como também gestos e expressões faciais que são próprios da linguagem oral.

Já na linguagem escrita temos que imaginar um interlocutor a quem o indivíduo vai abranger essa escrita. Além de que essa linguagem tem seus próprios elementos significativos, como: o tamanho da letra, o tipo de fonte utilizados, elementos pictóricos, ou seja, representações por imagens.

Uma característica marcante da dislexia é em relação a ortografia. O aluno disléxico apresenta diversos sintomas próprios desse transtorno. Alguns são elencados como: escrita confusa de letras parecidas, exemplo: p/b; p/q; g/q. Troca de ortografia das palavras “parto” ao invés de “prato”, ou “gato” ao invés “pato”. Dificuldades com a fonologia das palavras, ou seja, pode não escutar algumas sílabas das palavras. Escrita de forma espelhada. Letras desordenadas, mistura de letras maiúsculas e minúsculas. Fala no processo de memorização, esquecimento rápido do que foi aprendido. Não faz uso correto dos sinais de pontuação. Não conseguem copiar do quadro. Não consegue interpretar textos. Leitura lenta ou imprecisa, ainda mais se estiver sobre pressão. Hudson (2019).

Leitura é uma competência primordial para a vida em sociedade. Saber interpretar textos, expressar-se diante da linguagem escrita, levantar questionamentos críticos diante de situações cotidianas são habilidades essenciais para os alunos. Entretanto, alcançar esses objetivos não é tarefa fácil para um disléxico. “Leitura é uma atividade complexa e não um processo natural. Portanto, é necessário compreendermos tudo o que é preciso para lermos bem”. Mousinho (2003).

Ainda conforme a autora citada acima a leitura é observada de dois aspectos, o primeiro refere-se a análise e o segundo a construção de sentidos. Na análise estão inclusos somente os processos de decodificação e reconhecimento das palavras. No segundo processo, a construção de sentido, está direcionado a compreender o significado, entender está implícito ou explícito, etc. Ou seja, esta segunda etapa está mais ligada a interpretação do que está escrito.

A decodificação das letras ou das palavras não são suficientes para tornar o aluno um leitor. Ler e não compreender o que foi lido nada adianta. Para tanto, a leitura baseada somente na construção de sentidos pode também trazer prejuízos para o leitor, uma vez que pode desencadear a adivinhação de palavras e pouca habilidade para manipulação dos elementos menores das palavras, o que pode deixar a leitura econômica. Mousinho (2003).

Ao analisar o processamento da leitura, Mousinho apud Ellis e Young (2003), descreve a existência de duas rotas de leitura. Conforme a seguir:

- Rota Fonológica: Leitura em voz alta e escrita sob ditado; implica no processamento fonológico através de informações baseadas na estrutura fonológica da língua oral. Decodificação de estímulos gráficos. Para compreender, deve-se ouvir.
- Léxico Mental: Identificação direta da palavra com acesso direto ao significado; arquivos que armazenam informações acústico/ortográficas, semânticas e fonológica.

Conhecer as rotas do processo de leitura possibilitaram a descoberta do déficit que afeta o sujeito com dislexia, percebendo assim onde estão suas dificuldades.

Estil (2003) esclarece qual a principal dificuldade do aluno com dislexia no que se refere a leitura.

A inabilidade para o reconhecimento imediato da palavra é a principal dificuldade do disléxico. Ler para aprender é compreender o significado não só das palavras isoladas, mas principalmente das correlações que existem entre elas, extraindo significado das frases. E parágrafos e correlacionandoos entre si, podendo compreender o que está explícito e fazer inferências no que está implícito na leitura dos textos completos e complexos. Uma pessoa disléxica não tem dificuldades de compreensão. Ela não compreende o texto porque não consegue dominar o primeiro objetivo da leitura, que é o reconhecimento imediato da palavra. (ESTIL, 2003).

Embora seja difícil a leitura do aluno disléxico, essa habilidade pode ser desenvolvida dentro da sala de aula. Com intervenções precisas os alunos com dislexia podem apropriar-se da linguagem escrita. Para isso alguns estudiosos concordam que oportunizar a troca de conhecimento através da oralidade é uma maneira eficaz para o desenvolvimento do aluno disléxico, pois dessa forma o incentiva a apropriar-se da linguagem escrita. Estil (2003).

Hudson (2019) estabelece várias maneiras individuais e coletivas que podem auxiliar o enfrentamento da dislexia em sala de aula. Para essa autora, superar a dislexia depende não só do aluno, mas também colaboração do professor em sua prática de sala de aula.

Como medidas de incentivo, a autora citada acima, indica alguns mecanismos para a serem trabalhados em sala de aula. Ela, portanto, começa demonstrando que o aluno disléxico deve ter um local apropriado para se sentar na sala de aula. Uma vez que aluno possa se distrair com facilidade, com um lugar a frente, mais próximo ao professor, o mesmo garante que situações que possam a vir atrapalhar a concentração desse aluno sejam amenizadas.

O segundo passo conforme a autora é em relação a atividades impressas para esses alunos. As impressões em fundo de papel diferente podem trazer benefícios

para o aluno com dislexia. Atentar-se na escolha da fonte e no tamanho, fontes de tamanhos maiores podem ser melhor de entender. Usar espaçamento duplo também ajuda o aluno.

Como estratégias individuais a autora cita métodos que ajudam o disléxico a se organizar para assim estudar melhor. Usar marcadores coloridos para realização de leitura, ou réguas ajudam esses alunos a não se perderem no texto. Na ortografia ela cita que estratégias com papel colorido podem auxiliar na diferenciação de grupos de palavras. Podem elaborar um glossário de palavras para auxiliá-los na escrita.

Deve-se ressaltar que a utilização das cores são uma ótima opção para ajudar os alunos com dislexia, visto que a maioria dos disléxicos possuem habilidades em artes. Outro ponto relevante é a habilidade de gravar por imagens. Portanto desfrutar dos recursos visuais, especialmente das cores, e associá-los as boas práticas citadas acima abre uma gama de possibilidades para o disléxico.

Entretanto, apesar dos apontamentos acima, a noção de “erro” associado à falta de conhecimento do professor sobre esse tema corroboram para o declínio do aluno disléxico, gerando danos na vida educacional do aluno.

Em síntese, portanto, conclui-se que a oralidade e a escrita são convergentes para o processo de desenvolvimento do aluno. A oralidade é essencial na vida do disléxico, pois adquire-se essa habilidade de forma natural. Para o disléxico a linguagem falada é mais “fácil”. Ainda que exista a necessidade de relacionar o pensamento das palavras para falar e essa fala fazer sentido na troca do diálogo, esse processo ocorre de forma natural. Já a escrita é acontece de forma mais difícil. Além de ser inflexível, a escrita obedece a regras ortográficas, gramaticais, fonéticas, dentre outras, que torna a vida do disléxico um verdadeiro caos, em frete ao mar de dificuldades que se encontra na dislexia.

Papel da Família na intervenção precoce

O papel da família é de suma importância para esse processo de aprendizagem, de tal modo que o ensino da criança com dislexia seja de aceitação, paciência e compreensão, visto que não diagnosticado pode causar uma série de problemas, na vida social e profissional por não estarem recebendo atendimento especializado e diagnóstico adequado e o apoio da família. Na maioria dos casos as crianças disléxicas antes do diagnóstico são taxadas de tal modo que as deixam pra baixo, acompanhada e desmotivadas a interagir e continuar seus estímulos de criatividade que devem ser contínuo. Além disso, é preciso auxiliar e orientar as famílias no processo de diagnóstico, e desse modo alcançar essas crianças de maneira mais eficaz.

A importância da inclusão em sala de aula é primordial para acolher os alunos com dislexia. A Lei Federal nº 14.254/2021, sancionada em 30 de novembro de 2021, dispõe sobre o acompanhamento integral de alunos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Dislexia e outros Transtornos de Aprendizagem. Essa lei se fez necessária para melhorar a qualidade de vida desses alunos.

Vale ressaltar que o Atendimento Educacional Especializado – AEE garantido pela LDB 9.394/1996 não assegura ao aluno com dislexia o atendimento em turno oposto ao da escola regular, visto que esse atendimento é destinado para pessoas com deficiências e transtorno globais de desenvolvimento. Por tanto, a criança com dislexia não pode ser assistida por esse profissionais na escola.

A oralidade e a escrita são pilares que determinam e possibilitam a inserção e a participação das diversas práticas sociais. A preparação dos alunos nos anos iniciais da linguagem e escrita é um dos processos fundamentais para as crianças garantir habilidades e capacidades de interação com as diversidades no ambiente social e cultural tornando possível sua inclusão.

O papel da família, quando existe suspeita de dislexia, é fundamental. A busca de profissionais adequados auxilia no lidar com o processo da descoberta, que muitas vezes é frustrante para a família ao perceber que o aprendizado do filho é mais lento do que o que eles esperavam, faz-se necessário trabalhar a compreensão e paciência, acompanhando de forma positiva todas as evoluções, respeitando e apoiando nas dificuldades. A melhor maneira para que se faça dessa realidade uma forma simples e alegre de viver, é procurar ajuda com uma equipe multidisciplinar, onde se descobrirá a maneira certa e menos dolorosa para trabalhar e buscar recompensar esta dificuldade. (DE MELO, 2023, p.2023).

Ainda de acordo com Carneiro (2011, p. 52): “No que se refere a alunos com dislexia, os pais têm uma grande importância e é objeto de atenção redobrada, uma vez que a falta de bem-estar no seio da mesma, motivada por complicações ou dificuldades, pode ser a causa dos problemas dos seus descendentes”, dessa forma a família que tem um indivíduo disléxico precisa primeiramente entender o que é o transtorno para então providenciar a ajuda necessária que é a intervenção da equipe multidisciplinar, e estar sempre em contato com os profissionais procurando saber como pode ajudar para que o seu filho obtenha progresso. O docente exerce uma função essencial na trajetória escolar do educando com dislexia, pois é ele quem realizará o pré-diagnóstico necessário para encaminhar esses disléxicos para os profissionais responsáveis. O primeiro passo para se descobrir uma estratégia de intervenção junto ao disléxico é realizando uma avaliação.

Avaliar as dificuldades de aprendizagem não apenas deve detectar que existe uma lacuna significativamente entre o potencial para aprender de uma criança e seu desempenho real em uma ou mais áreas escolares, mas também deve estabelecer que a criança teve oportunidades adequadas de aprendizagem e investigar e descartar uma variedade (PIMENTA, 2012).

Por meio de observações feitas pelo professor, em relação à leitura, compreensão e agilidade em reconhecer as letras e juntá-las para formar as palavras de forma dinâmica e prática, a escola poderá comunicar aos pais e aplicar um método que facilite e recompense as dificuldades de aprendizagem, que o aluno possui. Se o docente não der a devida importância a esses detalhes, ignorando-os, achando ser mais fácil considerá-lo preguiçoso e desatento, estará contribuindo cruelmente neste processo de má formação linguística (OLIVEIRA, 2013) e afetando o processo de formação do indivíduo na sociedade.

A dislexia pode afetar a pessoa ao longo de toda vida, se não houver intervenção, e seu impacto pode mudar em diferentes estágios do desenvolvimento. Se as crianças experimentarem sentimentos positivos na escola, automaticamente seus sentimentos serão positivos em relação a si mesmas e assim seus sucessos serão garantidos. De outro modo, se vivenciarem o fracasso e frustração, seus sentimentos serão de fracasso aos outros e que seu esforço não faz nenhuma importância. Ao invés de se sentirem contentes e capazes, esses alunos entendem que o ambiente tem monitoramento sobre eles. Ao refletirmos sobre a sociedade, temos a capacidade

colaboração em que comunicação é fundamental para que possamos viver e nos desenvolver, pois é através dela que interagimos e desenvolvemos a nossa 14 inteligência e habilidades. As crianças vão precisar de um maior esforço para compreender, memorizar, interpretar e raciocinar conteúdos veiculados através da leitura e escrita, o que pode afetar outras áreas de suas vidas. Pois, o entendimento das sílabas, palavras e frases, possibilita a comunicação, a interação entre as pessoas, o desenvolvimento das inteligências e a vida em comunidade através do compartilhamento de pensamentos, ideias e mensagens, então vem o papel dos pais e professores e orientação profissional e boa dose de paciência, carinho e aceitação dessas características apresentadas pelo aluno e filho para que possam ajudá-lo, criando um ambiente de acolhimento e incentivo. Portanto, ao falar de dislexia é correto afirmar que se trata de uma dificuldade, e não impossibilidade.

Convivendo com a dislexia é importante deixar claro que o dislético pode levar uma vida normal desde que suas dificuldades sejam identificadas, aceitas e trabalhadas. Atualmente, a psicologia escolar consegue intervir diante do contexto de ensino-aprendizagem com uma abordagem interdisciplinar entre a didática pedagógica, a psicanálise e a psicologia (ANJOS; DIAS, 2015).

Além do construtivismo, a psicologia escolar incorporou também as análises com base nas teorias humanista e behaviorista, as quais demonstravam, respectivamente que: o aluno se constrói diante os estímulos do meio; a criança necessita de uma pedagogia humanitária que seja capaz de atender as suas necessidades psicossociais; e a criança reage e aprende de acordo com os estímulos comportamentais, a partir dessa concepção de uma psicologia escolar mais humanitária, construtivista e behaviorista, compreende-se que eventualmente têm-se na educação alunos que apresentem um baixo rendimento e com determinadas dificuldades de aprendizagem, pois eles são colocados em cenários de um ensino normativo, ignorando as especificidades e peculiaridades socioeducativas, psicológicas e culturais de cada criança (ALVES, 2015).

A psicologia escolar passa a desenvolver estratégias que analisam o aluno em seu processo de aprendizagem, incluindo as potencialidades, afinidades e, em especial, as dificuldades, logo, torna-se parte do trabalho do psicólogo em contexto educacional construir e orientar caminhos alternativos para a didática em sala de aula (ALVES, 2015).

O psicólogo escolar deve oferecer orientação tanto para os professores, como para os demais membros da comunidade escolar, inclusive pais e a equipe multidisciplinar quando necessário. É esse o profissional que deve se posicionar entre as intervenções pedagógicas- educativas e as abordagens clínicas para o desenvolvimento da aprendizagem e da construção socioafetiva da criança disléxica (OLIVEIRA, 2015).

É preciso considerar também que, apesar de haver diversas estratégias para alcançar as diferentes exigências, competências e capacidades esperadas para cada fase do ensino, é preciso considerar também que essas devem ser adaptadas à realidade uma e particular de cada aluno (BONI, 2014). Tanto a equipe multidisciplinar de atendimento no contexto escolar quanto a família devem ser inseridas no processo de desenvolvimento e acompanhamento da aprendizagem da criança, possibilitando assim avaliar o desempenho escolar, como também a construção das relações de sociabilização da criança, contribuindo, dessa forma, para a formação educacional e biopsicossocial do aluno nas suas interações e relacionamentos, dentro ou fora da escola (BONI, 2014).

Diversas são as causas que interferem na aprendizagem da criança, desde dificuldades neurológicas, déficit na alfabetização, conflitos familiares e/ou emocionais ou psicológicos e afins. Por isso, a psicologia escolar contribui para desempenhar na didática de ensino-aprendizagem voltada para essa criança, a construção de estratégias e abordagens inclusivas, que, se baseiem tanto nas questões do direito ao processo inclusivo, como também nas condições especiais e nas especificidades da criança (MELQUÍADES et al., 2018).

Ao se tornar parte do contexto educacional, a psicologia se volta para os mecanismos, técnicas e métodos de ensino aprendizagem. Em uma tentativa de contemplar como esses recursos se aplicavam e se adaptavam às necessidades biopsicossociais dos alunos (PRADO, 2015). Logo, ao se colocar frente a frente aos métodos empregados na educação, a psicologia se evidencia também como uma excelente abordagem multidisciplinar para avaliar o desempenho e a eficácia das técnicas da educação básica (PRADO, 2015).

A psicologia foi levada para dentro da escola como uma ciência externa à educação que deveria ser capaz de promover estratégias para os problemas e desafios do ensino no Brasil. Em seus primeiros passos junto à educação, a psicologia

possuía como função medir, classificar e separar os alunos com bases em suas capacidades estudantis (ou a ausência dessas), que, na maioria das vezes, significaria a segregação dos discentes que eram incapazes de progredir conforme desejado pela escola (LIMA, 2015).

A escola costumava classificar seus alunos em termos que variavam de gênios, medianos ou retardados – com toda a carga de estereótipos desses termos. Dando abertura para a psicologia experimental, a escola passa a desenvolver métodos de classificação dos alunos que se tornariam bem mais complexos do que os resultados de sucesso e fracasso escolar. Em especial, o estudante passa a ser avaliado agora por todo o processo de ensino-aprendizagem, e não por seus fins nas etapas educacionais (LIMA, 2015).

O psicólogo se torna o profissional que atua como uma âncora entre a família e a escola (professor, aluno, gestores e demais membros da comunidade escolar) (PRADO, 2015). Observa-se, assim, que a presença do psicólogo no contexto escolar objetiva essencialmente a promoção de uma educação mais significativa e humanitária, tanto para a realidade e inúmeros contextos de vivências na vida do aluno.

Um ponto importante a se considerar sobre a aplicação da terapia cognitivo comportamental no tratamento da criança-aluno disléxica, é que essa abordagem é bastante flexível e capaz de se adequar à realidade do aluno-paciente, de maneira que seja possível incluir no seu tratamento todas as suas dimensões biopsicossocial e do desenvolvimento da aprendizagem e da afetividade que a criança necessita como base para o atendimento educacional especializado com base nas suas necessidades e dificuldades de aprendizagem e sociabilização (GONÇALVES et al., 2018).

Portanto, com base no texto entendemos que a intervenção do psicólogo clínico é fundamental, mas essa intervenção só é possível de acordo com aceitação dos responsáveis, familiares e escola, assim tornando possível o melhor desempenho na vida social e profissional do educando.

Considerações Finais

Embora haja muitas nomenclaturas que classificam as dificuldades de aprendizagem, conclui-se que elas existem e fazem parte da vida de muitas crianças na fase inicial da escolarização. A criança com dislexia sofre por ter um funcionamento cerebral diferente das outras, carregando consigo adjetivos pejorativos, por falta de conhecimento de professores, escola e pais.

A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem, que afeta a área de escrita e da leitura. A criança disléxica pode apresentar sinais antes mesmo de entrarem na escola. É preciso estar atento ao desenvolvimento geral da criança em vista de observar se aquela criança pode ter um diagnóstico para algum problema de aprendizagem mais à frente no seu desenvolvimento.

Alguns sinais anteriores a escolarização que podem ser observados na disléxica são as dificuldades ou atrasos na aquisição de linguagem, fala persistentemente infantilizada, algumas dificuldades motoras e dificuldade de entender o que o outro está falando, ou seja, dificuldade na interpretação.

Alguns desses sinais se estendem a fase de alfabetização, período em que a dislexia se manifesta com mais precisão. Na alfabetização acontece problemas na aquisição da linguagem escrita, pois segundo os estudiosos, o disléxico possui um déficit no processamento fonológico, ferramenta essencial para a aquisição da escrita e consequentemente da leitura.

É a partir da aquisição da escrita e da leitura que se abre uma gama de possibilidades para o indivíduo, permitindo-o modificar sua realidade. O processo de alfabetização e letramento é indispensável para possibilitar essa mudança. Para pensar o processo de alfabetização nessa perspectiva é necessário estar atento enquanto o compromisso e responsabilidade das partes envolvidas na educação.

A escola e o professor têm um papel essencial no progresso escolar do aluno disléxico, pois é a partir de suas práticas que se torna possível alcançar o objetivo da alfabetização. É a partir do reconhecimento dos sinais, visto pelo professor, que se inicia a tarefa de descobrir a dislexia e assim encaminhar esse aluno para uma investigação adequada.

O diagnóstico de dislexia pode trazer vários danos para a vida do aluno disléxico. Esses geralmente são vistos, preconceituosamente, como incapazes de aprender. E até mesmo são constantemente rotulados negativamente. Esses rótulos acabam gerando danos significativos na vida do aluno disléxico, levando-os a perder o interesse pela escola.

O diagnóstico precoce associado com métodos descritos nesse trabalho e com as intervenções da equipe multidisciplinar possibilita que os danos causados na dislexia sejam reduzidos, e assim, esses alunos consigam ser inclusos, efetivamente, processos de escolarização.

O papel da família nesse processo, diagnóstico e acompanhamento, pode proporcionar mais segurança para o aluno disléxico, visto que esses possuem autoestima reduzida por suas dificuldades. A valorização e o apoio ao aluno disléxico são essenciais para promover seu desenvolvimento.

Portanto, é evidente que o aluno disléxico possui capacidade para ser plenamente alfabetizado. Esse fato é possível através da junção de boas práticas exercidas pelas três esferas mais importantes da vida do aluno com diagnóstico de dislexia, a família, a escola e a equipe multidisciplinar.

Referências

ABD| Associação Brasileira de Dislexia. O que é dislexia? Acessado em 22/06/2023 www.dislexia.org.br/o-que-dislexia/;

BAGNO, Magno. Preconceito Linguístico. 1996. Ed. 47, novembro 2006;

BRASIL – Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira – Nº 9.394 de 1996;

BRASIL – Lei 14.254/ de 30 de novembro de 2021;

CABUSSÚ, Maria Armanda S. Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. Revista psicopedagogia, v. 26, n. 81, p. 476-485, 2009;

CABRAL, Maroni Gilson. (2013). A alfabetização de Crianças com a patologia de dislexia e/ou TDAH. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET ISSN 2175-1773 – Junho de 2013;

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas questões de Linguística na Alfabetização. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). Caderno de formação: formação de professores: didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2011. v. 2. p. 72-83. ISBN 978-857983-161-4;

CARDOSO, Marcélia Amorim; FREITAS, Ana Carolina Abi-Chacra de Campos. Dislexia: apontamentos e reflexões. Revista Educação Pública, v. 19, nº 29, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/29/dislexia-apontamentos-e-reflexoes>

CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios de Aprendizagem: uma questão de nomenclatura. Revista “Dificuldades de Aprendizagem - compreender para melhor educar”, SinproRio, 2003, (Ministério da Educação);

COELHO, Cláudia Carvalho. O percurso escolar dos alunos disléxicos. 2012. Tese de Doutorado.

DA COSTA MAIA, Luziete Marques; REIS, Eletrissandra Rodrigues. IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE EM ALUNOS DISLÉXICOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2019;

DE ALMEIDA, Giselia Souza dos Santos. DISLEXIA: O GRANDE DESAFIO EM SALA DE AULA;

DE MELO, Alexandre da Silva. O Papel do professor no sucesso da alfabetização de crianças com dislexia. RELPE: Revista Leituras em Pedagogia e Educação, v. 7, n. 1, p. e202309-e202309, 2023;

DE OLIVEIRA SILVA, Eliabe Bezerra; DE OLIVEIRA, Gislene Farias. Dislexia em Perspectiva: Contribuições da Psicopedagogia e da psicologia. ID on line. Revista de psicologia, v. 10, n. 31, p. 135-146, 2016.

DYSLEXIAIDA, Nome. International Dyslexia Association (IDA). Disponível em: <https://www.017>, International Dyslexia Association (IDA). Acesso em: maio 2020;

DUMAS, Jean E. Psicopatologia da infância e da adolescência. Tradução: Fátima Murad; 3 ed – Porto Alegre: Artmed, 2011. ROTTA, Newra Tellechea, et al.

Transtornos da aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006;

ESTIL, Clélia Argolo. Dislexia em Sala de Aula: o Papel Fundamental do Professor, Revista “Dificuldades de Aprendizagem - compreender para melhor educar”, SinproRio, 2003, (Ministério da Educação);

GAMA, Mariana Andrade; SANTANA, Elinalva Jesus de. As dificuldades do portador de dislexia e o comprometimento com a aprendizagem. 2021;

GONÇALVES, Mariana Aparecida Fonseca. A dislexia no ensino fundamental. Revista Eletrônica Acervo Científico, v. 3, p. e648-e648, 2019;

GONÇALVES, Patrícia. PEIXOTO, Amanda. 10 perguntas e respostas para compreender a dislexia. [livro eletrônico] / Patrícia Gonçalves, -- 1.ed. -- Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020;

HOLANDA, Maria Clara; CORREA, Jane; MOUSINHO, Renata. Compreensão oral e de leitura na dislexia e no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Revista Psicopedagogia, v. 37, n. 113, p. 144-155, 2020.

HOWELL, J. (2020). W. Pringle Morgan e dislexia. Lansing: Michigan Dyslexia I Institute Inc;

HUDSON, Diana Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC / Diana Hudson; tradução de Guilherme Summa. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019;

LIMA, Ricardo Franco de; SALGADO, Cíntia Alves; CIASCA, Sylvia Maria. Desempenho neuropsicológico e fonoaudiológico de crianças com dislexia do desenvolvimento. Rev. psicopedagógica, São Paulo, v. 25, n. 78, p. 226-235, 2008 Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01038486200800030005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 26 out. 2023;

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

MASSI, Giselle, & SANTANA, O. Ana Paula. A desconstrução do conceito de Dislexia: conflito entre verdades. set.-dez. 2011, Vol. 21, No. 50, 403-41
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300013>;

MASSI, Giselle et al. Indícios do processo de apropriação da escrita versus sintomas disléxicos. *Distúrbios da Comunicação*, v. 20, n. 3, 2008;

MOUSINHO, Renata. Conhecendo a Dislexia. Revista “Dificuldades de Aprendizagem - compreender para melhor educar”, Sinpro-Rio, 2003, (Ministério da Educação);

MOUSINHO, Renata; MARTINS, Priscila. Leitura, Escrita e Dislexia: questões e desafios contemporâneos. *Encontro Ciências e Cognição*, 2012;

MOUSINHO, Renata; MARTINS, Priscila. Leitura, Escrita e Dislexia: questões e desafios contemporâneos. *Encontro Ciências e Cognição*, 2012 ;

OLIVEIRA, P. de, & Lacerda, C. B. F. (2018). A trajetória histórica dos estudos e pesquisas sobre a dislexia: a busca pela compreensão do fenômeno. *Distúrbios Da Comunicação*, 30(4), 791–801. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i4p791801> ;

OSTI, Andréia. As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor / Andréia Osti. - Campinas, SP: [s.n.], 2004;

PAÍN, Sara . diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem/ Sara Paín; tradução Ana Maria Netto Machado. – Porto Alegre : Artmed, 1985. 86p. ; 23cm.

PEREIRA, M. D., & SILVA, J. P. da. (2021). Ansiedade e autoestima associadas ao baixo desempenho escolar em estudantes com dislexia de desenvolvimento: uma revisão integrativa. *Revista Educação Especial*, 34, e40/1–23. <https://doi.org/10.5902/1984686X54521> ;

PUREZA, Frécia Fernanda Franco et al. Dislexia, família e escola: reconhecimento e aceitação de crianças com distúrbios no aprendizado. 2018;

QUARESMA, Helen Lobato et al. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: COMPONENTE IMPORTANTE NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém-PA;

RIBEIRO, Stefanie Knabben et al. Desmistificando a dislexia: pequenas adaptações para grandes habilidades. 2009.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. *Revista Psicopedagogia*, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016;

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. *Revista Psicopedagogia*, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009;

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros/ Magda Soares. 2.ed., 8. reimpr. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 128p;

TEIXEIRA, Mariana Terra; LIMBERGER, Bernardo Kolling; BUCHWEITZ, Augusto. O desempenho de crianças em fase de alfabetização em avaliações de leitura e escrita. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 45, n. 2, p. 595-610, 2016;